

Entrevista – Adelinas - Coletivo Autônomo de Mulheres Pretas

Entrevista realizada por Maria Paula de Jesus Correa, aluna do Programa de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, do Departamento de Língua Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, em abril de 2016, via facebook.com. As respostas foram construídas coletivamente pelas participantes ativas do Coletivo Autônomo de Mulheres Pretas – Adelinas.

Revista Crioula: Quando o coletivo nasceu?

Adelinas: O Coletivo Autônomo de Mulheres Pretas – Adelinas formou-se em julho de 2015.

Revista Crioula: Como e por que nasceu?

Adelinas: O coletivo nasceu a partir de muitos encontros em lugares alternativos, geralmente realizados nas casas das militantes. Tecemos reflexões importantes sobre: a) O conceito da singularidade de ser mulher, ser negra, ser trabalhadora e pobre nos Movimentos de Esquerda, e especificamente, no interior do Movimento Negro; b) A percepção de que as pautas da condição histórica da mulher negra não têm sido suficientemente contempladas por Coletivos feministas majoritariamente brancos e pelos Movimentos de resistência preta que não pautam as questões de gênero; c) No interior desses Movimentos, algumas de nós constatamos a reiteração do sexismo, do machismo e do racismo, sendo relegadas, por exemplo, a permanecer realizando apenas os trabalhos braçais sem ter reconhecido o seu espaço de voz, perpetuando o lugar histórico ocupado pelas mulheres negras em nossa formação e no imaginário social brasileiro (a cuidadora, a babá, a empregada doméstica, a mãe/esposa).

Revista Crioula: Por que Adelinas?

Adelinas: Nós conhecemos o nome Adelinas em uma das reuniões que fizemos na ACEPUSP, um dos nossos locais de acolhida. Na época, ainda não tínhamos o nome do Coletivo. No decorrer da reunião nos foi apresentada um cartaz sobre a figura da “Adelina, a charuteira”, personagem que resgata uma história em comum entre as integrantes do coletivo.

Sabe-se que a “Adelina, a charuteira” foi uma escravizada e abolicionista maranhense. Seu pai e proprietário prometeu liberta-la, mas não cumpriu a promessa, garantindo

apenas que Adelina fosse alfabetizada. Enquanto escrava de ganho, Adelina vendia charutos por toda a cidade, inclusive para estudantes, tendo a oportunidade de assistir aos comícios abolicionistas no centro da cidade. Pela facilidade com que andava pelos espaços, Adelina teve grande importância nesse movimento abolicionista por ser informante das ações da polícia contra os ativistas, além de que também ajudava na fuga de escravizados.

Essa pequena pista sobre a história da Adelina nos serviu como metáfora para representar as mulheres pretas do Coletivo, pois apesar de escravizada, ao ter o mínimo acesso à cidade e ao conhecimento pôde contribuir para a resistência que estava em movimento em sua época. O mesmo acontece com as Adelines atuais, que iniciaram sua militância a partir de um mínimo acesso ao conhecimento e o potencializaram compartilhando seus saberes com outras mulheres pretas, criando espaços de troca, de autoconhecimento e empoderamento. Sendo assim, todas as mulheres que compõem o coletivo denominam-se Adelina, pela história comum de opressão, mas, sobretudo, de resistência.

Revista Crioula: O que é o coletivo Adelines?

Adelines: O Coletivo é formado por mulheres pretas e por elas representado nos seus fenótipos negros: tonalidades de pele, texturas de cabelos, diferentes corpos e experiências comuns de opressão histórica. Somos oriundas das trajetórias de militâncias individuais, de Coletivos Independentes e de outros grupos políticos do Movimento Negro. Constituímo-nos a partir do reconhecimento político que emerge das experiências, aparentemente pessoais, das vidas de cada uma, nas vivências e experiências concretas e cotidianas do machismo, do sexismo, do capitalismo-patriarcal, sob vários eixos de subordinação e vulnerabilidade da nossa existência no interior desses espaços de lutas.

O Coletivo Adelines tem na sua essência a autonomia e o empoderamento das mulheres pretas e suas aliadas. Estamos unidas por vínculos ideológicos, afetivos e espirituais, conformando uma irmandade, espaço de associação e intimidade, a partir do qual buscamos construir uma militância coerente com nossas histórias de vida e possibilidades de atuação política e percepções sobre o mundo, visando o fim das desigualdades de gênero, raça e classe.

Revista Crioula: Há uma estrutura hierárquica? Quem faz parte do Coletivo Adelines?

Adelinas: Não há uma estrutura hierárquica, pois optamos pelo compromisso com a horizontalidade nas relações do Coletivo, e pela auto-organização, com propósito de confrontar a lógica estruturante - que impacta na nossa vida individualmente, mas que também nos afeta como mulheres de forma coletiva. Funcionamos horizontalmente, justamente para não repetir um modelo autoritário, que já vivenciamos em outros movimentos dos quais nos desligamos. Justamente por ser um modelo falido de organização, que não proporciona a participação democrática e igualitária de todos. Nosso intuito é que todas tenham seu local de fala respeitado. O coletivo atualmente compõem-se por mães, empreendedoras, estudantes, acadêmicas, artistas, psicólogas e advogadas.

Revista Crioula: Qual a missão do coletivo?

Adelinas: Enquanto militantes orgânicas, acreditamos na luta pela nossa autonomia como seres humanos transcendentais. Reconhecemos que as únicas pessoas que se importam com a eliminação das múltiplas formas de opressão, a que estamos submetidas, somos nós mesmas. Nossa política nasce de um amor saudável por nós mesmas, e por nossas irmãs aliadas (indígenas, trans, lésbicas, imigrantes, brancas), efetivamente comprometidas com a causa feminista e com o intuito de fortalecimento mútuo.

Nossa tarefa específica é desenvolver ações que empoderem as mulheres pretas para que reconheçam sua intelectualidade, sua capacidade e direito de intervenção na sociedade.

Visamos estimular a criação de redes de apoio e de promoção de identidade cultural por meio, por exemplo, da criação de espaços de diálogo que proporcionem a conexão entre as vivências das participantes e o repertório teórico desenvolvido pelo grupo, e através de ações várias queremos promover do acolhimento da mulher preta no âmbito subjetivo e objetivo de suas demandas, buscando assim, soluções para conflitos e sofrimentos das mulheres pretas.

Revista Crioula: Como o coletivo é financiado.

Adelinas: O coletivo se organiza financeiramente de forma autônoma e independente, a partir da colaboração das integrantes.

Revista Crioula: Onde o coletivo atua

Adelinas: O Coletivo Adelinas tem realizado mesas de debates em diversos ambientes, desde conferências a festivais de temática racial. Tem também realizado intervenções em

espaços artísticos e participado de marchas que pautam as questões de gênero. Temos atuado em parceria com outras organizações, como a Casa Cultural El Chontadouro, na Colômbia, com quem, no ano de 2015, foi iniciado o intercâmbio político-cultural. O objetivo foi construir redes de cooperação e fortalecimento na luta antirracista, antipatriarcal, antissexista e anticlassista, em Colômbia/Brasil. As experiências comuns de opressão e de resistência dos dois coletivos de mulheres ofereceram o combustível para novas estratégias de enfrentamento ao racismo e ao patriarcalismo, no contexto latino-americano.

Revista Crioula: Existe alguma proximidade ou relação com a Universidade de São Paulo? Se sim, qual?

Adelinas: O Coletivo Adelinas não tem nenhuma relação institucional com a Universidade de São Paulo. Algumas das Adelinas estudam lá, atualmente, e inclusive se movimentaram pela construção do Coletivo para pautar as questões da mulher preta acadêmica, pois essa necessidade se torna ainda mais pungente ao ingressarmos no hostil ambiente universitário, que é deficitário em incluir nossas pautas em sua grade e políticas de inclusão e permanência, entre outras demandas. A negligência da instituição estimula a consolidação de um ambiente agressivo para todas as pessoas que não são brancas, cisgênero, de classe média alta ou ricas, perpetuando o caráter elitista e excludente da Universidade de São Paulo. Consideramos necessário ocupa-la para nos apropriarmos de conhecimentos historicamente negados e para inserirmos as nossas pautas nesse território, tornando-o de fato público e acessível às pessoas pobres e pretas das periferias.

Contato:

Facebook: Adelinas – coletivo autônomo de mulheres pretas

Endereço: Praça da República, 419 – Sala 7 - São Paulo.